

## **A letra no ensino de lacan entre o real e o simbólico: o lugar de Sygne de Coûfontaine**

*Hevellyn Ciely da Silva Corrêa\**

### **Resumo**

Este trabalho busca pensar a escrita em psicanálise a partir do conceito de letra no ensino de Lacan, destacando a passagem de um acento sobre o registro simbólico, para a letra, o qual diz respeito ao registro real. Para tanto, direcionamo-nos ao trabalho lacaniano acerca da trilogia de Paul Claudel, detendo-nos na personagem Sygne de Coûfontaine, cuja abordagem lacaniana insinua uma virada na noção de letra. Isto porque a personagem é tomada como marca significante, primeiro tempo da articulação do desejo, e só pôde sê-lo a partir de uma letra nunca antes impressa, a qual escapa ao sentido último da narrativa.

**Palavras-chave:** LETRA; SIMBÓLICO; REAL.

### **The letter in lacan's teaching between the real and the symbolic: the Sygne Coûfontaine's place**

### **Abstract**

This work aims to reflect the writing in psychoanalysis as from the letter's concept in Lacanian teaching, underlining the passage to accent on the symbolic record, for the letter concerning the real record. For this, we headed for Lacanian work about the Paul Claudel's trilogy, stopped in character Sygne de Coûfontaine, whose Lacanian approach insinuates to turn in the notion of letter. This is because the character is taken as the significant brand, first time of desire's articulation, and can only be that as from a letter never printed before, which escapes for the last sense of the narrative.

**Keywords:** LETTER; SYMBOLIC; REAL.

### **La lettre dans l'enseignement de lacan entre le reel et le symbolique: la place de Sygne de Coufontaine**

### **Resumé**

Ce travail cherche penser l'écrit en psychanalyse a partir du concept de lettre dans l'enseignement de Lacan, en soulignant le passage de l'accentuation sur le registre symbolique, pour la lettre en référence au registre réel. Pour ça, nous nous sommes dirigés au travail lacanien sur la trilogie de Paul Claudel, nous en arrêtant au personnage Sygne de Coûfontaine, dont l'approche lacanien insinue une tournée dans la notion de lettre. Ceci parce que le personnage est compris comme la marque du signifiant, le premier temps de l'articulation du désir, et ne peut être que a partir d'une lettre jamais imprimés avant, lequel échappe au dernier sens de la narrative.

**Mots-clés:** LETTRE; SYMBOLIQUE; RÉEL.

---

\* Psicanalista, Professora adjunta da Universidade Federal do Pará. Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio de doutorado sanduíche na Université Paris VII.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1924-0648>

E-mail: [hcs.correa@yahoo.com.br](mailto:hcs.correa@yahoo.com.br)

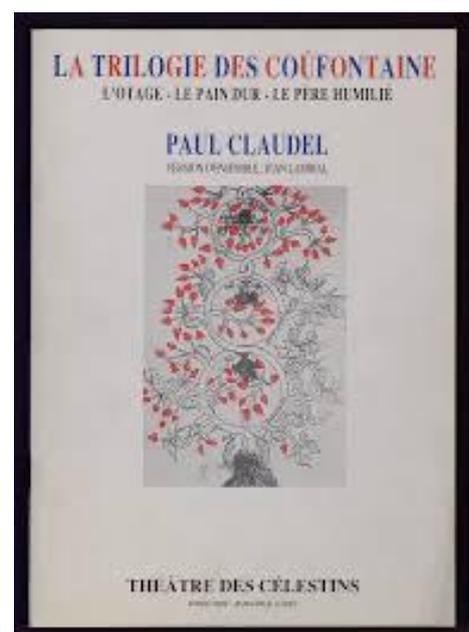
A noção de escrita ocupa um lugar na psicanálise desde as investigações freudianas a respeito dos processos criativos de artistas, conforme suas investigações em *Escritores Criativos e Devaneio* (1908/1996) e *O Poeta e o Fantasiar* (1908/2015), em que, para além de um trabalho acerca da criação artística ou das singularidades de um ou outro escritor, Freud busca recolher questões para pensar o sujeito a partir da perspectiva psicanalítica, debruçando-se sobre noções como a de fantasia e, em obras mais tardias como *O Inquietante* (1919/2010), a de compulsão à repetição. Neste sentido, podemos dizer que a escrita e o campo da literatura aparecem como lugares privilegiados para se pensar em questões que a clínica apresentava a Freud, porque, ainda que de modo diferente daquilo que vimos nos casos clínicos freudianos, os conceitos recolhidos da literatura têm alcance clínico e teórico.

Este interesse da psicanálise pela escrita e pela literatura mantém-se no ensino de Lacan a partir de diferentes perspectivas, desde o direcionamento a escritores como Gide (Lacan, 1958/1998) e Joyce (Lacan, 1975-1976/2007) até a referência à escrita chinesa (Lacan, 1971/2009); de modo que, tal qual Freud, o autor retira diferentes consequências destas alusões. Neste sentido, o presente estudo busca investigar a escrita em psicanálise a partir da passagem de uma perspectiva da letra/simbólico para a perspectiva de letra/real, privilegiando assim, de partida, o conceito de letra como operador clínico conceitual da noção de escrita no campo psicanalítico.

Para tanto, direcionamo-nos ao trabalho lacaniano acerca da trilogia de Paul Claudel, realizado no *Seminário 8: A Transferência* (1960-1961/2010), detendo-nos na personagem Sygne de Coûfontaine. O interesse por esta personagem se justifica, na medida em que sua abordagem por Lacan apresenta um ponto de virada na noção de letra, de um acento ao simbólico para um escape deste, conforme veremos com detenção no decorrer do trabalho. Para melhor compreendermos o que chamamos de ponto de virada, inicialmente nos voltaremos ao lugar de Sygne de Coûfontaine na articulação do desejo, em que a dimensão simbólica se mostra mais evidente.

### **O desejo e sua articulação: o lugar de Sygne de Coûfontaine**

O direcionamento de Lacan (1960-1961/2010) à obra de Claudel se dá a partir do que o psicanalista chama “O mito de Édipo hoje”, título que nomeia a seção do Seminário em que a trilogia dos Coûfontaine será seu objeto de trabalho, indicando-nos, desde o princípio, que, na dramaturgia de Paul Claudel, há questões para a psicanálise. A perspectiva de uma atualidade do complexo de Édipo segue menos no sentido de pensar numa contemporaneidade imaginária, com personagens hodiernas, e mais na maneira como o desejo é apresentado na obra. A partir desta perspectiva, com laço entre desejo e morte, a personagem Sygne de Coûfontaine é tomada por Lacan (1960-1961/2010) para destacar a ultrapassagem dos limites entre duas mortes, em que, diferentemente da heroína grega Antígona que chega a seus limites (Lacan, 1959-1960/1995), a personagem claudeliana os atravessa.



O trabalho de Lacan, ao se dedicar à trilogia de Paul Claudel, vê em Sygne, a radicalidade do desejo, na medida em que toma para si a salvação da família, aparentemente respondendo a uma necessidade. Ela o faz, no entanto, sustentando um não/nome até seu último suspiro, mostrando o que Lacan chama de “a beleza dos ultrajes”, que ultrapassa a necessidade e sinaliza o desejo. Para melhor compreender esta leitura feita por Lacan, adentraremos no enredo da obra de Paul Claudel.

A obra *L'Otage* (Claudel, 1911/2001), peça teatral em três atos, passa-se no momento da ascensão de Napoleão e queda do poder da igreja, motivo pelo qual o papa torna-se refém (l'otage) do Barão de Turelure que, para manter o segredo de que Sygne abrigava o pontífice raptado da prisão, chantageia a personagem para que esta case com ele. Temos por pano de fundo a derrocada da nobreza, que também se mostra no aceite de Sygne a esta união, na medida em que Turelure, intitulado barão graças à adesão a Napoleão, é filho de uma antiga criada dos Coûfontaine, os quais agora se encontram em decadência.

Privada de sua família e de seus bens, a moça abre mão do amor por seu primo George de Coûfontaine e cede ao assédio do abjeto Toussant Turelure, encontrando no casamento uma possibilidade de recuperar as terras da família, ou seja, a heroína toma para si a restauração da ordem ao preço da perda de seu desejo. Desta operação de renúncia em prol de uma ordem já perdida, resta-lhe um sinal em forma de tique nervoso, em que a personagem balança a cabeça em sinal de não. Tendo na língua francesa a homofonia entre Sygne/sinal e não/nome, estes significantes irão atravessar a narrativa fazendo confundir a própria personagem com seu tique sinalizador, e o negativo que ele movimenta como a inscrição de um nome.

O tique nervoso em forma de Não, que acompanhará a personagem ao longo do último ato até o momento de sua morte, aparece pela primeira vez na peça já no primeiro ato, enquanto ela conversa com seu primo George e este lhe diz que seus filhos estão mortos. Neste sentido, é ao se dar conta de que os Coûfontaine estão dizimados, só restando Sygne e George, que o Não/Nome surge à heroína:

*Coûfontaine*: ... estão mortos. Todos dois quase ao mesmo tempo, enquanto eu estava na França, desta terrível febre inglesa.

*Sygne*: Deus tenha piedade de nós!

*Sygne permanece durante um momento imóvel, os olhos fechados e como desfalecida, depois lentamente ela agita a cabeça como alguém que faz “Não”*

Eu suponho que não há nada a lhe dizer, George?

*Coûfontaine*: Não há nada a me dizer

*Pausa*

(Claudel, 1911/2001, p. 19. Livre tradução).

Este Não, que surge logo após a heroína recorrer ao divino, aponta o desejo pela via negativa, o que posteriormente tomará maiores contornos quando de seu casamento com Turelure. O não/nome da heroína carrega a mensagem que este sinal tornado Sygne vem marcar, e estará muito próximo ao desejo e à morte, na medida em que demarca um desejo que não se alinha com o ato do casamento, desalinhamento que se manterá até sua morte, quando ela se atira na frente da bala que atingiria Turelure. Lacan (1960-1961/2010) destaca que este ato não é realizado por amor, mas pela ultrapassagem de todos os limites, onde “a vida é deixada de longe, para trás... a heroína vai contra tudo que se liga a seu ser até suas mais íntimas raízes” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 271).

Com a derrisão dos valores da fé, o que a heroína claudeliana nos vem indicar é a radicalidade do desejo que a partir daí se coloca. Não se trata, portanto, de uma ausência da ordem simbólica em que ao sujeito restasse a elisão do desejo, mas um desejo que se inscreve

apesar da queda dos valores; eis o que o não/nome de Sygne revela. Notamos, assim, que a arquitetura entre desejo e lei, própria ao drama de Claudel, nos indica questões importantes quanto à articulação do desejo, ao mesmo tempo que nos oferece múltiplos questionamentos quanto à dinâmica que compõe a cultura na qual este desejo se enlaça à lei.

Esta inscrição do desejo que se faz malgrado uma ordem simbólica estabelecida, tem na figura de Sygne a marca primeira, inaugurando aquilo que só será objeto de desejo duas gerações depois, o que se mostrará nas peças seguintes que compõem a trilogia, a saber, *Le Pain Dur* (Claudel, 1913/2001) e *Le Père Humilié* (Claudel, 1916/2001). O desejo como articulação, que não se dá de uma vez por todas, e tampouco se organiza linearmente, tem com Sygne um importante lugar, nas palavras de Lacan (1960-1961/2010):

Com efeito, essa hiância se desenvolve, e o desejo acabado não é simplesmente esse ponto, mas aquilo que se pode chamar de um conjunto no sujeito, do qual tento não somente ilustrar a topologia num sentido paraespacial, mas também marcar os tempos. A explosão ao fim da qual se realiza a configuração do desejo se recompõe em três tempos, e vocês podem ver isso marcado em gerações (...). Na primeira, a marca do significante. É aquilo que, na composição claudeliana, é ilustrado ao extremo, e tragicamente, pela imagem de Sygne de Coûfontaine, levada até a destruição de seu ser, por ter sido totalmente arrancada de todas as suas ligações de palavra e de fé. (p. 365-366)

A retirada de Sygne de todas as ligações de palavra e de fé apresenta o que o autor chama de a marca do significante, como um tempo inaugural do desejo; com esta retirada, a personagem deixa para trás a própria vida e inscreve o significante naquilo que só será a visada do desejo duas gerações depois, na figura de sua neta Pensée, fazendo assim a ligação entre estas duas personagens através da recomposição do desejo. Este desejo, que em Sygne ainda é a inscrição significante, mostra-nos que a ultrapassagem que a personagem faz dos limites da *Atè* é o que permite os tempos seguintes da articulação do desejo, a saber, o objeto como não desejado, na figura de Louis de Coûfontaine em *Le Pain Dur* (Claudel, 1913/2001), e o desejo em sua articulação com o objeto parcial em Pensée de Coufontaine, na peça *Le Père Humilié* (Claudel, 1916/2001).

Neste traslado das peças, o tempo último, do desejo como objeto parcial, apresenta uma derrisão da figura paterna - o pai humilhado - que, segundo Maurano (2012), revela-se desde Sygne, uma vez que a heroína busca a salvação de uma ordem simbólica já perdida. Como destaca Maurano (2012), no entanto, os valores que Sygne tenta restaurar são, para ela própria, pouco fiáveis, ou seja, até mesmo quando os valores da fé cristã sustentavam uma organização simbólica, Sygne já continha alguma negação de tal organização. Neste sentido é que o Não como tique nervoso opera enquanto sintoma revelador, apresentando uma busca de salvação que, em seu próprio ato, já continha seu contrário, eis aí a marca do significante que abrirá caminhos para os demais tempos da articulação do desejo.

Com esta perspectiva lacaniana a partir da trilogia de Claudel, notamos uma concepção de desejo que não se oferece de maneira acabada, de uma vez por todas, mas algo que requer seu tempo e sua devida disposição. Sem nos determos nos detalhes que Lacan extrai de cada um dos tempos do desejo e sua relação com cada personagem, que assim nos desviaria de nossos objetivos, cabe-nos sublinhar como Sygne de Coûfontaine oferece questões acerca da letra, o que é pouco explorado quando tratamos desta abordagem lacaniana da trilogia de Claudel, haja vista o destaque dado às consequências acerca do significante e da articulação simbólica.

No início de seu trabalho a respeito da trilogia dos Coûfontaine, Lacan (1960-1961/2010) destaca a importância da letra na criação da obra de Claudel, quando se refere à correspondência entre Paul Claudel e André Gide:

Acontece que, nessa correspondência onde André Gide desempenha seu papel de diretor de *La Nouvelle Revue Française* – não somente da revista, mas dos livros editados por ela naquela época anterior 1914 – trata-se da edição de *L’Otage* e, prestem atenção, não quanto ao conteúdo mas ao papel e à função que dei à letra pois é esta mesma a causa eficiente do fato de que vocês ouvirão falar, durante uma ou duas sessões, desta trilogia sem igual (p.336).

Na correspondência entre Claudel e Gide, que fará Lacan destacar a importância da letra, a questão em torno da edição de *L’Otage* gira em torno da dificuldade, por parte dos tipógrafos, de impressão da letra *Û* (Claudel & Gide, 1899-1926/1949). Este elemento sem o qual a obra, por brilhante que seja em seu conjunto, não pode alcançar os leitores, sem dúvidas é de despertar o interesse psicanalítico e, em se tratando de uma letra que até aquele momento não se usava na impressão, nosso interesse direciona-se a uma inscrição inaugural presente em *L’Otage*.

Neste sentido, ainda que a investigação de Lacan se direcione sobremaneira à marca do significante na figura de Sygne, como primeiro tempo da articulação do desejo, o autor não deixa de sublinhar a importância da letra, tomada como causa eficiente, nesta marca do significante. Podemos, em linhas gerais, dizer que o acento da leitura de Lacan, neste momento de seu ensino, se situa na dimensão simbólica resultante desta torção entre letra e significante, o que não se manterá nestes termos em outros momentos de seu ensino, conforme iremos ver mais adiante no presente trabalho. Antes de alcançarmos, porém, estas diferentes perspectivas acerca da letra no ensino de Lacan, vamo-nos deter ainda nesta perspectiva de uma letra inaugural, sem a qual a marca do significante não se pode realizar. Voltemos a Sygne.

### Sobre a letra inaugural de Sygne

A troca de cartas entre André Gide e Paul Claudel a respeito da impressão da peça *L’Otage*, referida por Lacan (1960-1961/2010), data de 1910 e, entre junho e dezembro deste ano, o diálogo entre os escritores em torno da peça vai desde a finalização da obra, relatada por Claudel, passa pela leitura e convite feito por Gide e as tentativas de contornar a dificuldade de impressão da obra na *Nouvelle Revue Française* por conta do *Û* que, até aquele momento, nenhum tipógrafo fabricara (Claudel & Gide, 1899-1926/1949).

A correspondência entre os escritores nos revela o que fora indicado por Lacan (1960-1961/2010), quando lemos de Claudel: “Como você imagina, eu estou extremamente contrariado pelo contratempo que impede de imprimir o nome *Coûfontaine* com sua ortografia exata. Por diversas razões, eu lhe atribuí a mais alta importância” (Claudel & Gide, 1899-1926/1949, p. 156. Livre tradução, grifo da edição), mas também revela a recepção da obra por Gide, para além de sua função de editor: “Eu rolei a noite toda quase sem conseguir fechar os olhos, eu não sou, esta manhã, capaz de lhe dizer da minha grande emoção; a *urgência* de seu drama superou todas as minhas expectativas” (Claudel & Gide, 1899-1926/1949, p. 148. Livre tradução, grifo da edição).

Mais do que um problema entre criação e recepção de uma obra de arte, ou de questões próprias a edições e publicações, o diálogo entre os autores mostra-nos como *L’Otage* abre diferentes veredas e, em nosso caso, ajuda a pensar a articulação do desejo que, sem a escrita de uma letra nunca antes impressa, sequer teria a circulação do drama. Notamos, aqui, que a escrita surge como a inscrição de algo inaugural, sem o qual o enredo e narrativa, mesmo que já criados do início ao fim, não podem alcançar o leitor ou espectador, apontando para uma relação de causalidade que não diz respeito a um impedimento do encadeamento do sentido, mas de um traço indispensável a este, justamente porque não se enclausura no sentido último.

Com Sygne de Coûfontaine, podemos pensar um primeiro tempo do desejo, da marca do significante, tempo primeiro que é remontado à impressão de uma letra, como elemento primordial que, no entanto, não tem autonomia e só pode ser pensado dentro da dinâmica significante. Encontramo-nos, assim, na difícil articulação entre letra e significante, e, ainda que não sejam exatamente estes os caminhos tomados pela leitura lacaniana a respeito da trilogia dos Coûfontaine, ela nos lança questões para trabalhar tal articulação.

A noção de letra<sup>1</sup> sofre algumas torções no ensino de Lacan, que em escritos como *A Carta Roubada* (1957/1998) e *a Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957/1998) é tomada sem uma clara distinção com o significante, ainda que marcados como instâncias distintas; ao passo que, em estudos mais tardios, a letra se distinguirá do significante, sobretudo por sua face real, conforme iremos nos dedicar mais à frente. Detendo-nos no lugar da letra em Sygne, podemos dizer que o seminário em que Lacan se dedica a esta personagem se aproxima mais deste primeiro momento da perspectiva sobre a letra, cujo estatuto significante tem maior destaque.

Esta proximidade, no entanto, surge sem qualquer referência aos textos sobre a letra que são contemporâneos ao *Seminário 8 – O Seminário sobre a “Carta Roubada”* (1957/1998) e *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957/1998) -, o que nos faz pensar que tal aproximação está presente muito mais na concepção de letra e seu modo de apresentação em cada um destes textos, do que em uma possível linha articulada sob o tema “letra”.

Em *O Seminário Sobre a Carta Roubada* (1957/1998), notamos Lacan usar da homofonia entre carta e letra para pensar o estatuto do significante que, mesmo com o conteúdo desconhecido, produz efeitos naqueles que o detêm, por ser o testemunho de um dizer, o que faz com que a letra/carta oscile entre a concretude material, a qual contém o mistério provocador destes efeitos, e os próprios efeitos. Em outros termos, como nos diz Costa (2015), há sobreposição entre letra e significante, tanto por esta oscilação a que a letra/carta se presta, quanto pelo encaminhamento dado por Lacan em sua análise, na medida em que o autor, ao se deter à ordem simbólica, diz deste “significante puro que é a carta roubada” (Lacan, 1957/1998, p. 18).

Notamos, assim, que, tal qual o anúncio de tratar da letra e direcionar-se à marca do significante em Sygne de Coûfontaine, a inclinação ao tema da letra/carta no *Seminário Sobre a Carta Roubada* é acompanhada por um destaque à ordem simbólica, que faz com que o significante tome maior proporção em sua análise. Seja a marca do significante enquanto primeiro tempo na articulação do desejo, ou o significante puro que promove efeitos a partir de sua circulação, o que notamos é a letra compor a predominância dada ao simbólico.

Podemos observar este movimento em *A Instância da Letra ou razão desde Freud* (1957/1998), obra na qual Lacan nos diz: “Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (p. 498), indicando assim uma diferença entre discurso concreto e linguagem, diferença na qual a letra irá operar passando de um a outro, de tal modo que a linguagem não se confundirá com os sentidos dados pelo discurso. Nestes termos, a letra se mostra um importante operador da linguagem e, na medida em que Lacan se dedica em grande parte a compreender as torções entre significando e significante - fazendo ele próprio torções na concepção saussuriana a partir de Freud -, notamos novamente que o acento se coloca sobre a dimensão simbólica da letra.

Novamente, tal qual se verá na leitura de Sygne alguns anos depois, Lacan (1957/1998) se direciona ao significante e seus efeitos quando do trabalho a respeito da letra e, na medida em que se debruça ao que chama de “sentido da letra”, tal sentido se distancia da ordem do significado e se aproxima do significante em seu trabalho de metáfora e metonímia no inconsciente. Em outras palavras, neste momento de seu ensino, Lacan está às voltas com a

função do significante e a letra se mostra tributária desta função, porém, não se iguala a qualquer outro caráter do significante, mas surge como aquilo que insiste no inconsciente.

Segundo Rego (2005), as obras que contemporâneas ao tratamento dado à letra partir da personagem Sygne de Coûfontaine, *O Seminário sobre a Carta Roubada* e *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud*, se situam respectivamente como um “tempo zero” e “tempo um” de uma possível teoria da letra e escrita em Lacan. Mais do que nos dedicarmos a uma possível remontagem do traslado da letra, interessa-nos a compreensão de Rego (2005) de que, mesmo em momentos com maior destaque dado ao significante, Lacan não deixa de usar diferentes termos e não os toma em sinonímia - não intitula seu trabalho de a “Instância do significante no inconsciente”, por exemplo -, diferença que progressivamente irá se aprofundar e fará com que letra e significante digam respeito a diferentes registros, real e simbólico respectivamente, ao passo que neste momento de sua obra ambos dizem respeito ao simbólico.

Esta mudança pode nos ajudar a pensar o lugar da letra nisto que Lacan sublinha da impressão do  $\hat{U}$  na escrita de *L'Otage*. O progressivo caminho da letra em direção ao real faz com que o percurso lacaniano se interesse por aquilo que escapa à operação significante e, além de notarmos um destaque ao simbólico na leitura de Sygne de Coûfontaine, notamos também um aceno a este escape ao próprio simbólico, fazendo com que letra e significante tenham um desenho particular: Sygne é a marca do significante, primeiro tempo na articulação do desejo, e só faz tal marca por uma letra antes nunca impressa, fora do que até então se escrevera.

Letra e significante, assim, têm, na personagem claudeliana, uma conjugação interessante, que nos oferece questões acerca do trabalho da pulsão e seus possíveis arranjos da linguagem. Estes caminhos abertos pela heroína Sygne podem ser pensados a partir do que Maurano (2012) chama de espaços de transfiguração, nos quais, face aos desenhos do mundo contemporâneo com suas particulares exigências de satisfação, a psicanálise e a arte encontram meios de responder aos horrores a partir de saídas inventivas, que não são feitas de uma vez por todas, nem garantem a ausência de horrores, mas que abrem veredas possíveis. Neste sentido, Sygne de Coûfontaine insinua aquilo que o avanço do ensino de Lacan irá remeter às torções entre letra e significante, implicadas nestas saídas inventivas abertas ao sujeito.

Pensar a título de letra e significante é tratar das articulações entre a produção de sentido e uma escrita que não diz respeito à função significante, apontando assim também para o campo do gozo. Este apontar para o campo do gozo, no entanto, não é aprofundado por Lacan através da figura de Sygne, que nos ajuda a pensar muito mais no campo do desejo, como nos diz Lacan (1960-1961/2010):

O caminho no qual tento colocá-los, com a ajuda do drama claudeliano, é o de ressituar, no coração do problema, a castração. Pois a castração é idêntica àquilo que chamarei a constituição do sujeito do desejo como tal – não do sujeito da necessidade, não do sujeito frustrado, mas do sujeito do desejo. Como já adiantei bastante a noção para vocês, a castração é idêntica àquele fenômeno com que o objeto de sua falta, do desejo – já que o desejo é falta – seja, em nossa experiência, idêntico ao próprio instrumento do desejo, o falo (p. 364).

Tratar do desejo, portanto, significa nos direcionarmos ao falo, significante da falta; eis o que a trilogia claudeliana nos ajuda a pensar sobre o sujeito, a saber, que não está referido à necessidade, mas causado pelo desejo. Não por acaso, as lições do *Seminário 8* (Lacan, 1960-1961/2010) que antecedem a interpretação da trilogia de Claudel, são dedicadas a pensar o objeto de desejo e a dialética da castração, em que é o falo como marca da falta que surge com destaque no campo do desejo. O interesse de Lacan (1960-1961/2010), portanto, ao se dedicar à tragédia contemporânea, é pensar como ela coloca em cena o drama do sujeito do desejo, em que o significante fálico demarca o lugar da falta e faz desejar.

Com isso, compreendemos o que Lacan chama de “O mito de Édipo hoje”, em que o desejo se apresenta de maneira particular, de modo que a interdição e o pacto simbólico, que dela advêm, carregam particularidades que a trilogia de Claudel colocam em cena. Segundo Maurano (2012), o drama de Claudel pode ser pensado como uma modalidade de relação entre lei e desejo segundo a qual, diferentemente da tragédia antiga, como o Édipo sofocliano, em que o pai já está morto de saída, e da tragédia moderna, em que o pai aparece como condenado e traído, surgindo qual fantasma de um ideal de homem, de que a personagem Hamlet é paradigma, na tragédia contemporânea, o pai é um reles vivente, que alcança seu ápice na terceira obra da trilogia claudeliana: um pai humilhado.

Neste sentido, dos impasses entre o campo dos bens e garantia das leis e o campo sempre evanescente do desejo, o lugar do pai, como organização e interdito, terá na trilogia dos Coûfontaine um caminhar em direção à derrisão (Maurano, 2012). O lugar de Sygne neste caminhar é muito peculiar, pois, a princípio, a personagem busca a restauração dos valores que sustentavam a organização simbólica da qual ela faz parte, buscando salvar o papa, representante máximo da igreja, através do casamento com Turelure, o que a faz adentrar no que Lacan (1960-1961/2010) chama de mercado:

Vocês entenderam bem, penso, o que eu disse – retira-se ao sujeito seu desejo e, em troca, enviam-no ao mercado, onde ele entra no leilão geral. Mas não é isso justamente, o que acontece no início, no andar de cima, e ilustrado, então, de uma maneira bem diferente, feita desta vez, para despertar nossa sensibilidade adormecida? Quero dizer – não é isso que acontece no nível de Sygne? (Lacan, 1960-1961/2010)

Trata-se, portanto, da retirada do desejo para a entrada no mercado, porém, não esqueçamos que Sygne entra neste leilão geral trazendo em si o Não/Nome, o que marca um primeiro tempo do desejo. Esta inserção no mercado pela via negativa, que abrirá a possibilidade do desejo enquanto articulação em três tempos, apresenta-nos uma metáfora da interseção entre sujeito e cultura, que, desde Freud, surge como condição paradoxal, porém necessária, para a própria constituição do desejo.

Sem nos apressarmos a lançar questões definitivas a este respeito, nossa suspeita é que, nesta interseção entre sujeito e cultura, na qual o desejo se pode articular, com a personagem Sygne de Coûfontaine, o registro da letra se insinua para pensar no modo com que a pulsão se coloca na cadeia simbólica e, sempre a ela escapando, já indica algo do registro real do qual a escrita faz parte. Guiando-nos por esta suspeita, concebemos a obra de Claudel como emblemática deste ponto de dobra, em que a letra insinua algo de real mesmo quando é pensada em estreita ligação com o significante e o desejo.

### **O caminho da letra em direção ao real: apontamentos para uma conclusão**

Com Sygne de Coûfontaine, muito podemos recolher acerca do desejo e sua articulação frente à derrisão dos valores da fé, mas também com esta personagem, algo da letra enquanto escape ao significante se apresenta. Neste sentido, o fracasso em restabelecer um ponto anterior, no qual a importância de sua família e seu nome estavam intimamente ligados ao poder da igreja, é o que permite que as peças seguintes existam, assim como este mesmo nome de família, agora fracassado, é composto por uma letra antes nunca impressa. Deste modo, podemos dizer que a dimensão de invenção contida na letra inaugural *Ū* também participa do fracasso de Sygne, pelo qual o drama irá seguir.

Esta dimensão de invenção que igualmente contém o fracasso é mais bem trabalhada na perspectiva de letra presente no *Seminário 18: De um discurso que não fosse Semblante*

(1971/2009), em que Lacan, na lição sobre Lituraterra, usa os significantes “litura”- em latim: risco, mancha - e “terra”, para desdobrá-los nas noções de sulcos e rasuras referentes à letra. Não se trata, portanto, de buscar o que da terra brotou, mas suas rasuras que, no entanto, não dizem respeito a qualquer traço anterior, pois já se escrevem quais rasuras. Esta perspectiva permite que as noções de invenção e fracasso tenham outras dimensões, na medida em que não se trata de uma linearidade ou consequência de um a outro.

Neste sentido, a letra será pensada como litoral entre saber e gozo, dois terrenos distintos em que a letra não faz qualquer correspondência, ainda que os ligue, tal noção, segundo Guerra (2009), está entre os modos de Lacan aprofundar questões do real. Nas palavras da autora:

Não repetível, não generalizável, a letra é um conceito que permite a Lacan sofisticar a noção de Real e sua importância para a clínica enquanto ponto de articulação com o gozo. Fortalece a noção de que há uma língua particular para cada sujeito que fala, língua afetada por uma significação pessoal a níveis inimagináveis. E orienta o método psicanalítico a buscar na singularidade dos sujeitos atendidos esses sulcos por eles lavrados (p. 135).

Como podemos notar, a letra diz respeito a uma modalidade de tratamento do real que revela particularidades deste, cuja singularidade do sujeito está remetida a uma operação da fala que não se refere exclusivamente ao simbólico. Neste sentido, a letra, como operador clínico-conceitual pensado a partir do real e do gozo, parece se distanciar da importância dada ao significante, importância a qual ainda está presente no trabalho a partir de Sygne de Coûfontaine (Lacan, 1960-1961/2010).

Mesmo que notemos, no entanto, uma clara distinção acerca da noção de letra e significante em um e outro trabalho – *Seminário 8* (Lacan, 1960-1961/2010) e *Seminário 18* (Lacan, 1971/2009) -, não podemos, com isso, reduzir a importância que o significante mantém, como destaca Guerra (2009) em seu trabalho acerca do real no final do ensino lacaniano. Em outras palavras, mesmo que nos debruçemos sobre o maior acento ao real que marca o avanço do ensino de Lacan, este não exclui as relações com os demais registros e, para os nossos interesses, a importância do significante.

Sobre estas torções entre significante e letra, que nos podem fazer pensar em uma possível autonomia da letra quando pensada como litoral, Lacan (1971/2009) destaca que a letra simboliza os efeitos do significante; porém, isto não lhe confere uma primazia em relação a estes efeitos. Não se trata, portanto, de uma cronologia em que se pode pensar um antes e um depois, mas uma topologia em que um convoca outro: do litoral ao literal.

Como podemos notar, há questões que antes não abordamos a respeito da letra em Sygne, em que a impressão de uma letra abre caminhos para um longo trabalho a respeito do significante em sua relação com o desejo; agora, trazemos novos elementos para pensarmos esta letra como litoral entre saber e gozo, como traço de algo nunca antes escrito. Esta complexidade mostra um caminhar do conceito de letra no ensino de Lacan que, segundo Costa (2015), se aproxima do que a autora chama de um terceiro caminho, a saber, a redução do Sinthoma como letra, que terá seu maior alcance na leitura sobre Joyce feita por Lacan no *Seminário 23* (1975-1976/2007), mas que apresenta seu interesse pelo campo do gozo desde o *Seminário 18* (1971/2009).

Os outros dois caminhos destacados por Costa (2015) são: a instância da letra no inconsciente e a letra na fantasia, que situa a letra como algo do inconsciente como “isso mostra”, ou seja, um trabalho da pulsão que se impõe e demanda inscrição, perspectiva que em muito se aproxima das formações do inconsciente. O segundo caminho diz respeito não mais apenas à emergência pulsional que assalta o sujeito, mas a uma tentativa de amarração via fantasia, em que a letra na fantasia irá indicar um encontro entre objeto da pulsão e traço unário.

Estas duas perspectivas contêm questões que já abordamos anteriormente acerca do trabalho lacaniano da trilogia de Claudel e, para mantermos o fio condutor de nosso trabalho, neste momento destacamos o terceiro caminho, que valoriza a dimensão real da letra.

Este caminho nos revela o lugar da escrita no ensino de Lacan que, a partir da complexidade que a letra nos oferece, está mais do lado da cifra do que de uma narrativa encadeada, o que se mostra até mesmo na eleição por Lacan das obras literárias e artistas para pensar questões próprias à letra e ao significante. Se, com a trilogia de Claudel, é possível extrair questões referentes à articulação do desejo e à derrisão do pai, isto se dá tanto por seu enredo, quanto pela estrutura da narrativa e pelo fundo histórico no qual ela se passa, o qual tem tamanha importância para a própria compreensão do enredo.

A concepção de letra como cifra de gozo, por seu turno, encontra lugar na escrita de Joyce, a qual faz torções na estrutura narrativa e nas próprias palavras sem, contudo, deixar de se constituir enquanto literatura e seu lugar no laço social, o que permitirá Lacan (1975-1976/2007) pensar esta operação literária como Sinthoma, um saber fazer com o real que singulariza o sujeito e dá alguma amarração aos três registros. Neste sentido, pensar a noção de letra encaminha-nos a uma constante passagem entre real e simbólico; seja de um simbólico que deixa escapar algo de real, seja de uma operação com o real que faz laços simbólicos via literatura, marcando esta passagem como um traslado sempre em movimento via escrita.

Mantendo-nos em um traslado em movimento, concluímos este trabalho destacando o quanto a mudança na perspectiva de letra nos dá notícias da noção de sujeito que, como nos mostra Cabas (2010), o ensino de Lacan coloca em questão, na medida em que paulatinamente o encaminha ao real. Isto nos lança a questões teóricas e clínicas, com diferentes desdobramentos, que mostram como a letra abre caminhos que convocam o trabalho diário de escrita de cada sujeito.

### Referências:

- Cabas, A. *O Sujeito na Psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- Claudel, P. (2001). *L'Otage*. Théâtre – Claudel (pp. 7-153). Paris: Éditions Gallimard. (Trabalho original publicado em 1911)
- Claudel, P. (2001). *Le Pain Dur*. Théâtre – Claudel (pp. 155-293). Paris: Éditions Gallimard. (Trabalho original publicado em 1913)
- Claudel, P. (2001). *Le Père Humilié*. Théâtre – Claudel (pp. 295-440). Paris: Éditions Gallimard. (Trabalho original publicado em 1916)
- Claudel, P. & Gide, A. (1949). *Correspondences 1899-1926* – Préface et notes de Robert Mallet. Paris: Gallimard.
- Costa, A. (2015) Letra e bordas do discurso – Inconsciente e letra. In: *Litorais da Psicanálise* (p. 26-32). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1996). Escritores Criativos e Devaneios. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. IX* (pp. 147-158). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2015). O Poeta e o Fantasiar. In: *Arte, literatura e os artistas* (trad. Ernani Pinheiro, pp. 53-66). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2010). O Inquietante. In: *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”); Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (trad. Paulo Cesar de Souza, p. 329-376) São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p.329-376. (Original publicado em 1919)

- Guerra, A. M. C. (2009) Sutilezas do tratamento do real no final do ensino lacaniano: a letra, o savoir-y-faire e l'âme à tiers. In: M.M. LIMA & M.A. JORGE (Orgs), *Saber fazer com o real: diálogos entre psicanálise e arte* (pp. 131-143). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Lacan, J. (1998). A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In: *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 469-535). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998a) A Juventude de Gide ou a Letra do Desejo. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 749-775). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1995. (Original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2010). *O Seminário, livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De Um discurso que não fosse Semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2009. (Original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre a carta roubada. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 13-66). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1957)
- Maurano, D. (2012). *Claudel e As implicações do Nome do Pai*. Revista Trivium – Estudos Interdisciplinares, Vol 4 nº 1, p. 73-89. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912012000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100009)
- Rego, C. M. (2005). *Traço, letra e escrita na/da psicanálise*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

#### Notas:

---

<sup>1</sup>*Lettre* em francês, significante que guarda os sentidos de carta e letra, e que o próprio trajeto do tema no ensino de Lacan irá utilizar nos dois sentidos. Dentro dos limites de nosso trabalho, referimo-nos à letra e à carta a partir das traduções aqui utilizadas sem, contudo, elidir o duplo sentido que a homofonia do termo francês guarda.

**Citação/Citation:** Corrêa, H. C. S. (2023) A letra no ensino de Lacan entre o real e o simbólico: o lugar de Sygne de Coûfontaine. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XV, no. 1.), pp. 56-66.

**Recebido em:** março de 2021.  
**Aprovado em:** maio de 2022.